

***Uma banana por
US\$ 150.000,00!***



Professor Dr. ISAAC A. CAMARGO

Expediente:

Revista: Reflexões sobre Arte Visual

Publicação Atual e Anteriores:

<http://www.artevisualensino.com.br/index.php/revista-reflexoes-sobre-arte-visual>

Editor/Autor: Professor Doutor *Isaac A. Camargo*

Dados sobre o autor – Plataforma Lattes:

<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4790878E4>

Edição:

v.2 n.5 março 2021

Periodicidade: quinzenal

Capa: Imagem de uma banana.

APRESENTAÇÃO

*A revista **Reflexões sobre Arte Visual** tem por finalidade discorrer à respeito de obras de Arte, períodos, artistas, situações e acontecimentos no intuito de difundir conteúdos neste campo do conhecimento a partir de meus projetos e proposições de ensino e produção artística.*

Os temas escolhidos para os artigos dizem respeito a Arte Visual como um fenômeno cultural e suas relações com o contexto social.

Os conteúdos aqui publicados tem a finalidade de difundir conhecimentos no campo da Arte Visual sob o ponto de vista do autor.

É permitida a reprodução total ou parcial dos trabalhos desde que citada a fonte.

O acesso é público e gratuito.

Esta publicação é informativa e não tem qualquer finalidade comercial.

Qualquer pessoa ou instituição que se sentir prejudicada em relação aos conteúdos, informações e imagens aqui apresentadas, devem entrar em contato: isaac_camargo@hotmail.com

Circulou na mídia, em dezembro de 2019, que uma Banana (de verdade) havia sido comprada por U\$150.000,00 só porque havia sido transformada em Obra de Arte.

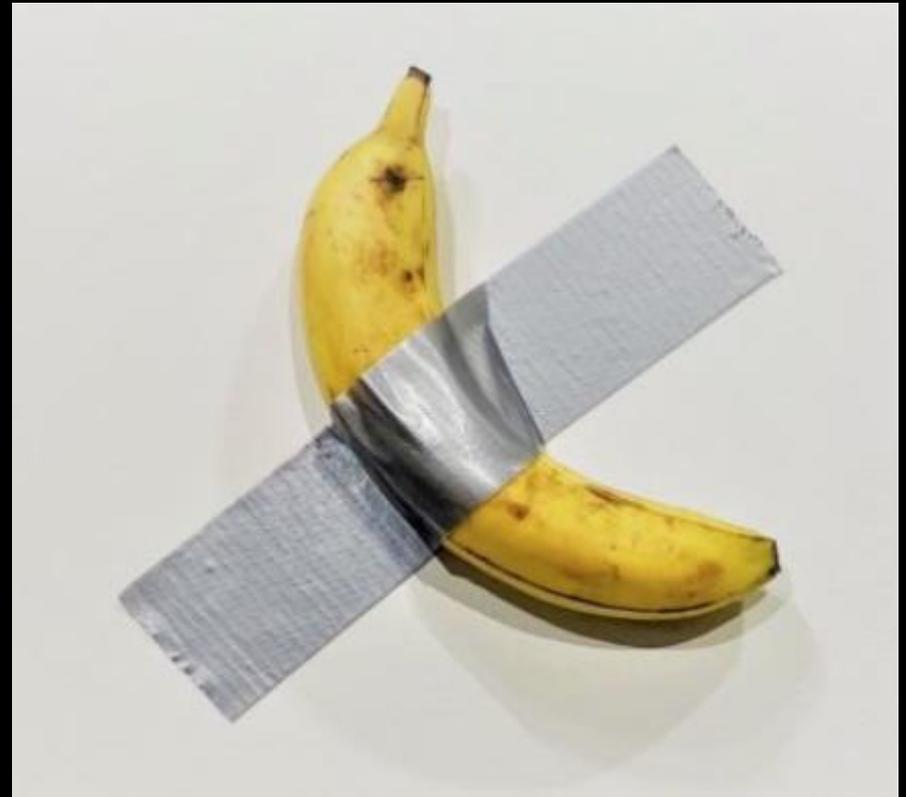
Normalmente é esse tipo de notícia que circula nas mídias de comunicação sobre manifestações artísticas.

O que mobiliza a atenção são os altos valores que certas obras atingem, a curiosidade, o estranhamento e as críticas jocosas feitas com a intenção de satirizar ou denegrir tais manifestações, mas nunca para esclarecer ou informar algo a respeito delas.

Assim, professores, educadores, estudiosos, artistas, queiram ou não, são convocados para este debate por conta de serem os responsáveis pela formação, pesquisa e difusão do conhecimento no campo da Arte na sociedade.

Por mais sensacionalista que seja a mídia de comunicação é possível aproveitar estes momentos para abrir um diálogo informativo sobre Arte Contemporânea e, por meio dele, esclarecer um pouco mais a seu respeito. Este é o caso da Banana de US \$ 150.000,00.

A obra, sugestivamente intitulada de "*Comediante*", foi mostrada pela galeria Perrotin, de Paris, na edição de 2019 da Art Basel Miami, uma Instalação de Maurizio Cattelan, artista italiano contemporâneo, representado pela galeria. A instalação consistia de uma Banana afixada na parede com fita adesiva, cujo valor original era de US\$ 120.000,00. Convertendo em reais, equivale a mais ou menos R\$500.000,00. Segundo seu proprietário, foram produzidas três peças na mesma edição, todas vendidas. A última, pela procura, acabou alcançando US\$150.000,00.



"Comedian", Maurizio Cattelan, 2019. Instalação.

Durante a 30ª. Miami Basel, a obra de Cattelan foi a mais visitada e viralizada, já que muitas pessoas se aproximavam dela simplesmente por diversão, apenas para fazer *selfies* diante dela, aqui algumas que circularam nas mídias sociais por ocasião do evento.



Banana pode ser Arte?

Independente da diversão e do humor incorporado à obra, o que motiva esta reflexão é esta pergunta. Se a resposta for afirmativa, pode-se dizer que abacate também pode ser arte assim como laranja, jabuticaba, mamão, maçã, pera, mexerica e tantas outras frutas. Imaginem o potencial de uma melancia, um abacaxi, uma jaca... Ao contrário, se a resposta for negativa, estamos diante de algo sem valor, e pior, diante da banalização da Arte. Enfim, como ler tal proposição sem cair na “banalidade”?

Apenas para esclarecer: ao contrário do que possa parecer, as palavras Banal e Banalidades, não se originam ou se referem às bananas. Embora atualmente se refiram a algo sem importância, corriqueiro ou comum é um termo de origem Medieval e se referia ao uso, pelos vassallos, de animais, equipamentos e ferramentas de propriedade do senhor Feudal, cuja paga pelo uso era nomeada de Banalidade. Assim o termo entra para a história. Como eram taxas de pouco valor, tornou-se também sinônimo de coisa insignificante.

Antes de aprofundar na questão da banana/arte vale a pena citar um contratempo ou revés que ocorreu durante a mostra: David Datuna, artista performático, fez da obra de Cattelan um “lanche” comeu-a e disse não ter se arrependido por ter degustado uma banana de 150 mil dólares, talvez tenha sido uma de suas refeições mais caras...

Seria o feitiço contra o feiticeiro? Performance ou Vandalismo?

Segundo o artista foi uma Performance, intitulada: “Artista Faminto!”



Contudo, pode-se entender sua atitude como oportunista, já que o sensacionalismo que a Banana causou também acabou sendo aproveitado por ele. A galeria não o processou, não exigiu o pagamento pela destruição ou deglutição da Obra, tampouco criou qualquer problema, apenas substituiu a banana. E daí? A banana era Arte ou não?

Para facilitar a compreensão desta manifestação é necessário entender os procedimentos estéticos contemporâneos, caso contrário, ficamos só na especulação ou na espetacularização promovida e estimulada pela mídia. Embora seja uma obra que lida com a ironia e o humor, não deve ser entendida apenas como uma comédia, mesmo que *Cattelan* a tenha intitulado de “*Comediante*”, é necessário ir além do título e neste caso a obra e o artista também não podem ser considerados separadamente.

Quem é Maurizio Cattelan?



Maurizio Cattelan nasceu em 21 de setembro de 1960 em Pádua, se tornou artista por iniciativa própria, ou seja, “autodidata”.



Sua primeira mostra foi em 1989, na Galeria Neon, em Bolonha.

Nela, a sala destinada à apresentação de seus trabalhos permaneceu fechada durante todo o período da mostra, na porta um pequeno cartaz com um recado: “*Torno Subito*” - “Volto Já”.

E o artista não voltou...

Mas a curiosidade se instaurou e assim nasceu o artista Maurizio Cattelan.

Autorretrato saindo do solo,
apresentada em 2001,
Museu Boymans-van
Beuningen, em Roterdã,
vendida posteriormente por
US\$8.000.000,00

Suas obras sempre tocaram
no humor e seu trabalho
passou a ser reconhecido
por isso.
Irreverente! Maluco!
Brilhante! Um blefe! O Bobo
da Corte!

Qualquer uma dessas
palavras serve para qualifica-
lo ou desqualifica-lo,
depende de quem e para
que as usa.



Em finais dos anos 90 do século passado e nos anos 2000 Cattelan realizou obras que se tornaram fenômenos conceituais da mídia em geral e também econômicos.

Suas obras acessam o nível mais alto do Sistema de Arte instaurado no ambiente mercantil atingindo valores invejáveis, assim acabou se tornando um dos artistas mais caros e procurados pelos investidores na atualidade.



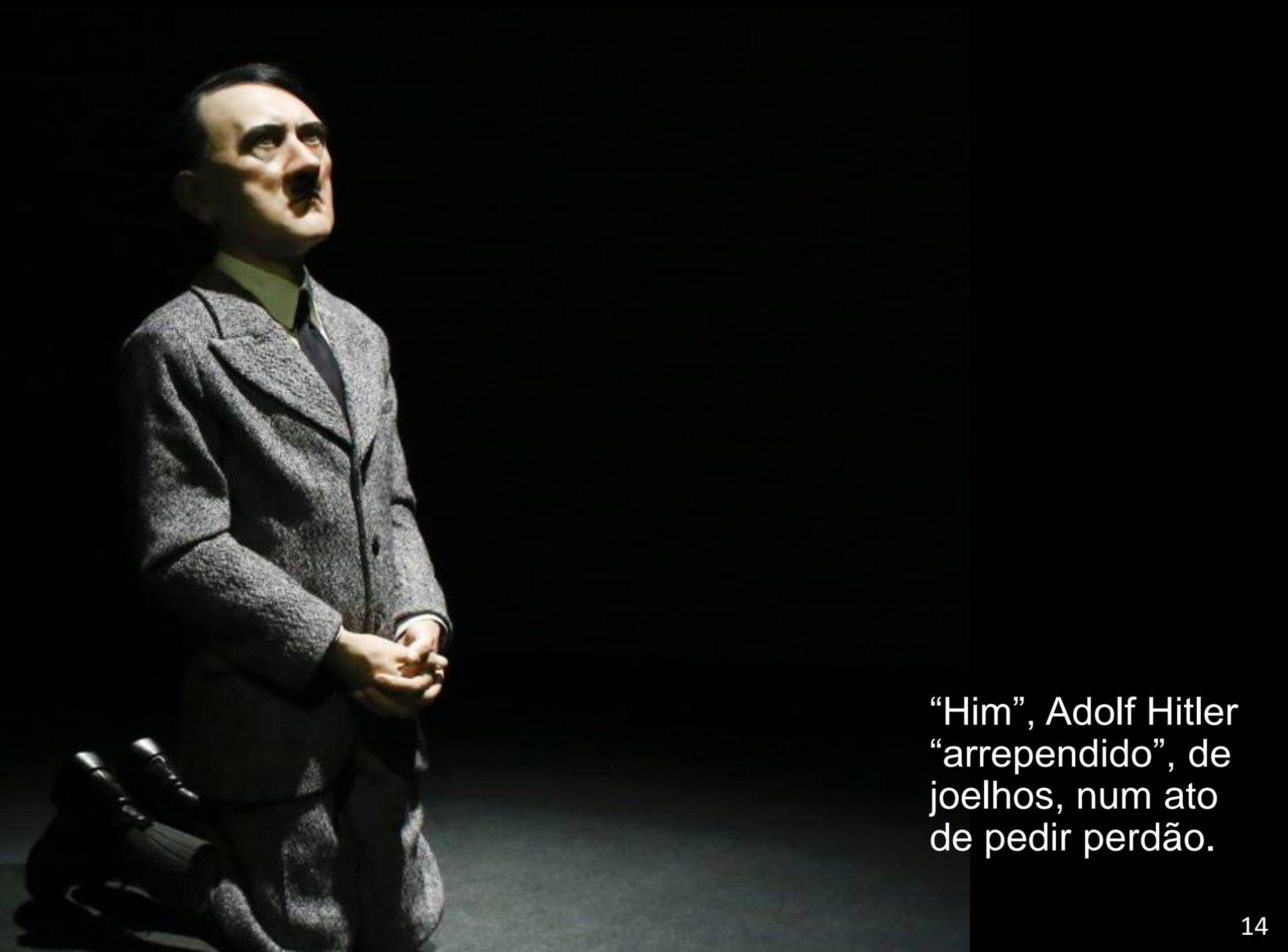


Sua índole satírica, irônica e humorística acaba aparecendo na maioria de suas obras e provocando a curiosidade, o estranhamento e o debate.

Nem sempre é visto com condescendência, muitas vezes é tratado com reservas e relutância.

"La Nona Ora", 2016, a imagem do Papa João Paulo II atingido por um meteorito.





“Him”, Adolf Hitler
“arrepentido”, de
joelhos, num ato
de pedir perdão.

“Cinco Cavalos”,
2007.





L.O.V.E.
Acrônimo de
Liberdade, Ódio,
Vingança e
Eternidade,
2010,
Escultura
instalada diante
da Bolsa de
Valores de Milão.



Novecento, 1977.



“AMÉRICA”, 2016. Peça realizada em ouro 18k. Avaliada em cinco milhões de dólares. Mostrada pela primeira vez em N.Y. no Museu Guggenheim. Novamente exposta no Palácio de Blenheim, de onde foi roubada, provocando o alagamento do local, pois o sanitário estava instalado para uso dos visitantes. Os ladrões ou a Obra não foram encontrados.



La Rivoluzione siamo noi
(A revolução somos nós),
2000. Resina de Polyester,
cera, pigmentos, terno de
feltro, e estante de metal.



Conhecendo melhor o autor é mais fácil entender sua obra. Seus trabalhos lidam com a sátira e a crítica ao sistema de Arte ou social. A ironia é que ele depende e vive de ambos. Sem eles, Cattelan, seria como qualquer um de nós: desconhecido...

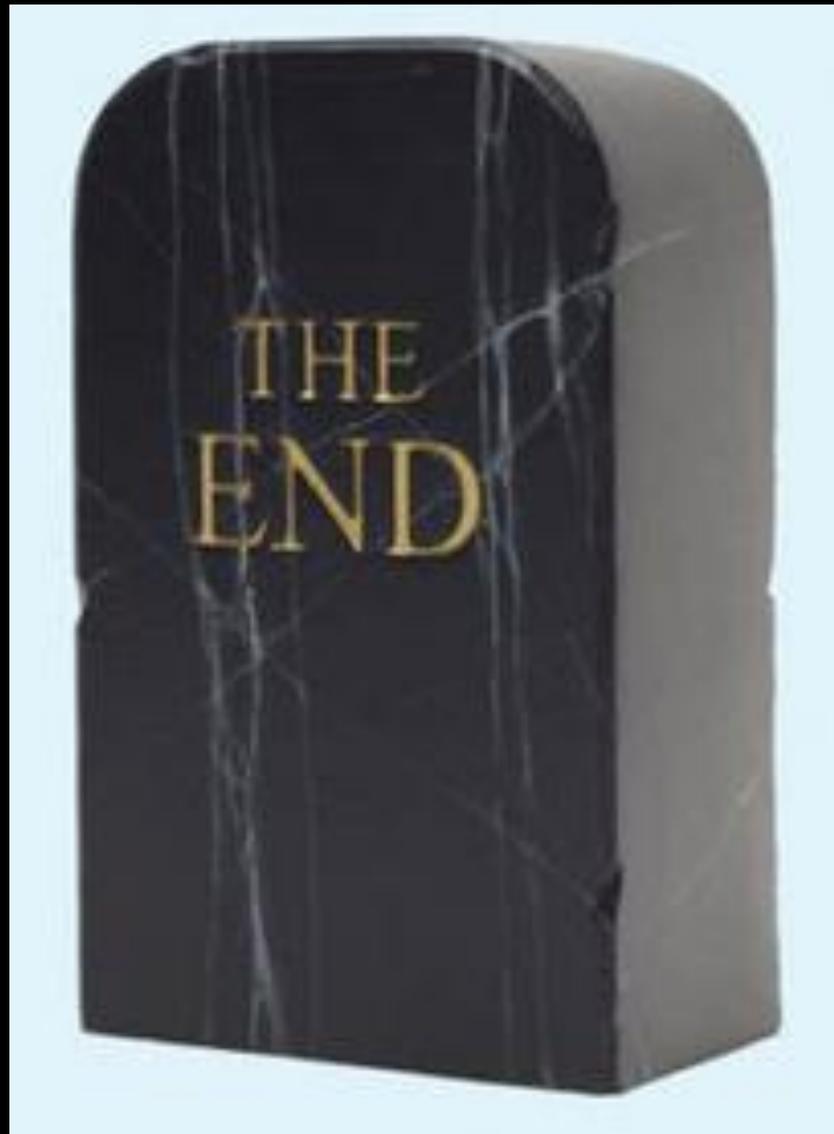


Ele faz parte desse fenômeno da Arte Contemporânea no qual a popularidade se dá pela personalidade do artista.

O inusitado de sua obra é criado, quase que exclusivamente, pela invenção e midiatização fazendo com que mobilize a atenção do Sistema de Arte e atinja valores exagerados.



Suas atitudes parecem estar sempre zombando da sociedade por conta das abordagens satíricas que emprega em suas obras. O espectador parece ser sempre vítima de deboche e, para se equilibrar: ri...



The End, 2019.

Voltando ao caso da “Banana Cattelana”, é óbvio que não foram as bananas que os colecionadores compraram e sim o “Conceito” que ampara as bananas enquanto Obras de Arte.

Bem, parece que ao contrário de esclarecer ficou mais complicado ainda...

Quando se fala em Arte Conceitual subentende-se que o valor da Obra não está no objeto em si, mas sim na ideia que a sustenta ou mantém.

Normalmente tais obras são proposições que não dependem de sua materialidade.

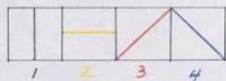
Um dos primeiros artistas a trabalhar com isto foi Marcel Duchamp e uma de suas obras mais conhecidas é “A Fonte” de 1917, um urinol do qual se apropria e apresenta para uma mostra de Arte Visual:



Como Duchamp fazia parte do júri da mostra, enviou a obra com um pseudônimo: R. Mutt. Então pode-se dizer que um suposto artista encaminha uma suposta Obra de Arte que nada mais é do que um urinol comprado em qualquer loja de materiais de construção e dá a ele o estatuto de Arte. Isto causa um grande incômodo no grupo que avaliava as obras e Duchamp se coloca como defensor da proposta justificando que o valor da Obra de Arte não está no objeto em si, que pode ser qualquer objeto, mas sim no propósito.

Naquele caso, o propósito, era confrontar o Sistema de Arte e como as Obras de Arte eram transformadas em simples mercadorias, independente do que apresentavam enquanto conceitos ou valores artísticos. Esta foi a inserção dos Ready Made, na História da Arte. De lá para cá isto tem sido uma tendência recorrente na Arte Contemporânea e Cattelan faz isto com as Bananas. O problema é que as bananas podem ser comidas, apodrecer e desaparecer, então como explicar?

D I A G R A M



This is a diagram for the Sol LeWitt wall drawing number 49. It should accompany the certificate if the wall drawing is sold or otherwise transferred but is not a certificate or a drawing.

C E R T I F I C A T E

This is to certify that the Sol LeWitt wall drawing number 49 evidenced by this certificate is authentic.

A wall divided vertically into fifteen equal parts, each with a different line direction and color, and all combinations.

Red, yellow, blue, black pencil
First Drawn by: Chris Hansen, Nina Kayem,
Al Williams
First Installation: Jewish Museum, New York, NY.
June, 1970

This certification is the signature for the wall drawing and must accompany the wall drawing if it is sold or otherwise transferred.

Certified by

Sol LeWitt

© Copyright Sol LeWitt. _____ Date

Se as Obras não são mais “objetos” ou “coisas”, como é possível que existam e sobrevivam no Sistema de Arte e ainda, como é possível comercializá-las? A solução para isto foi dada por Sol LeWitt quando, em 1970, cria um documento com instruções para execução de uma de suas Obras e emite um certificado de propriedade. O documento acima é o de número 49 da obra 1136. Assim o comportamento de vender o “projeto” de uma obra se tornou recorrente no contexto das instalações.



Aqui está a obra 1136 de Sol LeWitt como apresentada na Tate Modern em Londres que tem a posse de um destes certificados e possui portanto o direito de replicá-la quando e quantas vezes quiser:

Portanto as Obras não são os Objetos ou Coisas mas sim seus “Títulos de Uso e Propriedade” que indicam os modos de mostrar e definem o direito de posse e de exposição concedido pelo autor ao adquirente. Isto é feito por meio de um certificado, um título, um documento ou contrato entre o autor e o adquirente que lhe dá o direito de expor e, no caso da banana, o direito de substituí-la já que ela é também algo perecível. É nisso que se constitui a “propriedade” dessas manifestações e não só o objeto ou a banana... Que continua sendo fruta e não Obra de Arte...

Quem ganha muito com isso é o mercado de Arte , os marchands, galerias e as grandes casas de leilão que fazem com que as obras atinjam valores altíssimos criando uma espécie de “Bolha” conceitual.

Dessa bolha participam apenas alguns eleitos, sejam artistas, pessoas afortunadas, empresários ou negociantes. Esse é o fenômeno que manipula a Arte atual fazendo com que ela se transforme num “negócio”, num investimento, independente ou não da vontade do artista, é um título ao portador...

A solução dada por Sol LeWitt em relação ao problema de lidar com instalações como a que criou ocorreu em 1970. Portanto, antes disso, não havia um procedimento “padrão” para Obras Conceituais, neste caso, é de se supor que as proposições artísticas que ocorreram antes desta data, não têm certificados que as acompanhem. No caso da *Fonte* de Duchamp, o único registro da obra “original” é a foto que usei acima, tomada no local em que seria realizada a mostra.

Assim, *Fonte* de Marcel Duchamp, 1917, é registrada numa fotografia de Alfred Stieglitz na galeria de arte 291 após a exposição da Sociedade de Artistas Independentes de 1917, com a etiqueta de entrada visível. O pano de fundo é outra obra, *The Warriors*, de Marsden Hartley. O próprio Duchamp, quando convidado para mostrar novamente a obra, não a tinha mais e replicou-a adquirindo novo urinol... Por isto há várias “interpretações” dela em vários museus e galerias...

No contexto atual é quase que obrigatório que o artista conceitual crie meios de garantir a autoria e a replicação de suas obras já que, nem sempre, os objetos são originais ou perduram. Basta lembrar a Fonte de Duchamp, como ela não possui um certificado de autoria ou propriedade, nada impede alguém de “imitá-la” ou copiá-la já que é um Ready Made. O problema é que não pode assiná-la como Duchamp, bem aqui temos outro problema: o próprio Duchamp também não a assinou, criou um pseudônimo...

Obviamente que é possível replicar a Fonte sem muitas consequências legais, pois nem a original, original é. Mas esta não é mais a regra. As instalações das Bananas Cattelanas foram editadas numa série de três, portanto só há três certificados, logo, apenas três pessoas ou instituições possuem o direito sobre elas. Podem replicá-las e mostra-las quando e onde quiserem, podem transferir esse direito através de venda ou simplesmente emprestá-las para mostras em museus e galerias.

Isto é interessante e também lucrativo, basta lembrar o “efeito midiático” que tais bananas obtiveram na exposição em Miami que, embora tenha durado apenas uma semana, teve mais de 80.000 visitantes e a obra mais visitada e veiculada foi uma banana...

Os mais conservadores podem ainda retrucar dizendo que: Isto não é Arte! Principalmente se ainda forem afeitos aos processos artesanais de criação de imagens, mas não se pode negar que a Arte mudou e como...

Não é possível esperar que todas as transformações econômicas, sociais e culturais que ocorreram com o passar do tempo não interfiram ou influenciem também os modos de pensar e fazer Arte. Seria um contrassenso pensar que Arte deveria permanecer parada, sempre igual, enquanto o mundo todo muda.

Por isto sempre digo:

Em Arte nada se perde, tudo se cria e tudo se transforma!